



ST 08: PROGRAMAS DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA: LIMITES E POSSIBILIDADES

COORDENADOR: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

REFLEXÕES ACERCA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) COMO UM AUXÍLIO PARA OS FUTUROS DOCENTES: VIVÊNCIAS NA ESCOLA ESTADUAL DOM MOISÉS COELHO

Emillayne Evely dos Santos

Natalia Soares de Matos

Universidade Federal de Campina Grande

emillayni@outlook.com

matosns1999@gmail.com

RESUMO

Neste artigo propomos uma discussão a respeito da problemática da suposta dicotomia entre teoria – que seria específica da universidade – e a prática – entendida como única possibilidade da Educação Básica. Compreendemos essa separação como falsa, que compromete as reflexões acerca da educação no país e apontamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como política pública que visa

desconstruir o fortalecimento dessa concepção entre os profissionais da educação, beneficiando tanto os alunos, quanto os professores; mas, principalmente, os futuros docentes. Nossas reflexões serão respaldadas pelas nossas observações e vivências em sala de aula a partir da inserção no PIBID de História na escola Estadual Dom Moisés Coelho, no município de Cajazeiras-PB, na vigência 2018 a 2020. Nosso foco na escola é de entendermos as dificuldades dos alunos em relação ao ensino de História, principalmente a partir de um projeto de escrita e leitura, competências entendidas como deficientes nesse espaço escolar. Constatamos, também, considerações sobre um questionário que foi aplicado na turma do 6º “E”, que é onde estamos atuando. Mesmo com o projeto em andamento, temos como foco pensar o que já foi produzido e discutir as expectativas em relação ao andamento do projeto.

Palavras-chave: docência; PIBID; ensino; teoria; prática.

TEORIA E PRÁTICA SEPARADOS?

Por vezes, pode-se deparar ao longo da formação nos cursos de licenciatura, seja por comentários de colegas ou até mesmo por meio de impressões próprias, com a ideia de que há uma separação entre a teoria e a prática do ensino; geralmente, esses pensamentos podem surgir, principalmente, quando se chega nas cadeiras de estágio, dado que é nesse momento onde a maioria dos discentes estabelecem um contato com a escola, de fato, como futuros professores. Haveria então um “choque” entre teoria aprendida na universidade e a prática de estar com os alunos em sala de aula, algo que, muitas vezes, chega a desmotivar os graduandos, e por isso, alguns optam por desistir da licenciatura. Entretanto, pode-se retirar que elementos dessa concepção, que vêm a comprometer as reflexões a respeito da educação no país?

Sabe-se que em todas as profissões, não há teoria sem prática e nem tampouco o contrário. Dessa forma, essas duas modalidades estão interligadas, sobretudo no que tanger ao profissional da educação, ao professor ou professora. Não fosse assim, como seria o decorrer de uma aula em uma sala cheia de alunos, cada um com suas próprias inquietações, pensamentos, vontades e sentimentos, sem uma mediação que se fizesse eficiente? Como aprender a lidar com as diferenças do outro em sala de aula sem a ajuda de outras pessoas que já vivenciaram e refletiram a respeito do assunto, daquela vivência

que é posta ali, apontando caminhos e propostas para que se possa melhorar essa experiência? Nesse sentido, teoria e prática, unidas, se torna essencial em um ambiente tão diverso e desafiador como é a escola. Sobre isso, Piconez (2005) nos diz que,

O contexto relacional entre prática-teoria-prática apresenta importante significado na formação do professor, pois orienta a transformação do sentido da formação do conceito de unidade, ou seja, da teoria e prática relacionadas e não apenas justapostas ou dissociadas (apud SIQUEIRA, 2014, p.16).

Dessa forma, o entendimento de que ambas podem estar, de certa forma, separados, ou de que um é mais adequado a determinado ambiente, é problemática, visto que fragmenta a docência e, assim, age como uma barreira a respeito de sua compreensão, do processo de ensino-aprendizagem, como também acaba agindo como um elemento desmotivador conforme essa perspectiva seja tomada como regra. Perante isto, Fortuna (2015) aponta que:

Para que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma efetiva, teoria e prática precisam naturalmente ser conduzidas concomitantemente, esta é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana. No entanto, este não é um limite da consciência, este é um passo inicial que fomenta a formação de sujeitos críticos capazes de entender a atividade reflexiva conectada à ação social, tornando-se inseparáveis na formação histórica dos sujeitos (FORTUNA, 2015, p.66)

Nesse sentido, o exercício da reflexão que relaciona o cotidiano das escolas e as teorias discutidas com os colegas são essenciais para que haja o desenvolvimento da criatividade do futuro docente, que poderá, assim, adaptar a sua metodologia para a realidade escolar em que está inserido, além de poder perceber e entender o seu papel como um educador e agente que interfere na realidade de vários alunos. É perante isto que políticas públicas como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – iniciativa da qual dissertaremos adiante –, são importantes na medida em que propõe um aperfeiçoamento prático no processo de formação inicial do discente dos cursos de licenciatura por meio do contato prévio com as salas de aula, bem como das várias atividades que podem ser desenvolvidas, proporcionando, dessa forma, uma ligação entre universidade e as escolas.

O PIBID COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Nas grades de muitos cursos de licenciatura as disciplinas entendidas como “teóricas” frequentemente são empregadas no início da graduação, enquanto as disciplinas de estágio ficam após estas, isso facilitaria o entendimento do estágio, por parte do discente, como um momento de “*pôr em prática*”, como se ambos fossem coisas distintas; porém, teoria e prática são indissociáveis, e assim, acaba-se concebendo essa concepção e isso faz com que os alunos de graduação e os próprios professores de licenciatura, mesmo que sem perceber, estudem ambos como perspectivas separadas.

Sabemos que muita coisa vem mudando, e que já existem muitos professores que formulam seus planos de aula buscando mostrar essa união entre a teoria e a prática. Fato que até às disciplinas de estágio vem demonstrando esse esforço, no momento em que trazem exemplos concretos da realidade e formas de usar essa teoria. Contudo também entendemos que somente a disciplina de estágio não é capaz de suprir essa necessidade de um maior contato com as escolas, que é o local de atuação desses futuros docentes, certamente, por isso, percebemos cada vez mais a importância de programas como o PIBID, para auxiliar os discentes que serão futuros professores. O Programa visa proporcionar uma formação mais sólida aos futuros professores, aliando assim a teoria com a prática. O PIBID ainda é recente, tendo seu primeiro edital lançado em 2007 pelo Ministério da Educação, ampliado em 2009, portanto, infelizmente ainda são poucas as vagas para participar, sendo assim, a maioria dos licenciandos ainda não tem a oportunidade de ter esse complemento na sua formação.

O grupo tanto o professor da escola, como aluno universitário, junto com os coordenadores de curso visam um bem comum, que é desenvolver um projeto dentro das escolas públicas, principalmente, as mais carentes, que atenda às necessidades dos alunos na disciplina, ajudando a melhorar a qualidade do ensino, sendo assim, os alunos da escola, beneficiados.

Compreendemos o PIBID como um trabalho colaborativo, onde um grupo de pessoas se unem visando um objetivo comum, onde há benefícios de diferentes formas.

O professor supervisor da escola vai poder contar com o apoio dos bolsistas, pois sabe-se que na realidade escolar brasileira atualmente o que encontramos é um grande número de docentes com uma sobrecarga de trabalho, tendo que lidar com muitas turmas ao mesmo tempo, resultando em tempo insuficiente para planejar devidamente as aulas, onde, com o apoio da equipe pibidiana, poderá ter um braço a mais para tratar as dificuldades de seus alunos e trazer algo diferencial. Já os pibidianos, além de terem um maior contato com o ambiente escolar, estabelecendo uma aproximação mais aprofundada nas questões relativas a escola, poderão também trocar experiências mútuas com o professor supervisor da escola.

A formação docente é um processo complexo, o professor não é somente aquele que domina um conteúdo, é preciso ter domínio de um conjunto de técnicas e métodos que abrangem o ensino, ou seja, é preciso saber “como fazer”, o que não é algo simples, é processo que exige esforço, vontade, e que ao longo do caminho podem ocorrer decepções, frustrações, mas que também proporciona muita satisfação. De acordo com a pesquisadora Vera Lucia Maciel, para se ter uma formação completa é importante que se três mecanismos andem juntos, o ensino, a pesquisa e o patrimônio.

O estabelecimento de linhas de trabalho conjunto entre os professores da graduação faz a diferença. Não mais o trabalho isolado, não mais o trato individual, não mais o afastamento do coletivo. Afinal, a pesquisa e o ensino articulados ao patrimônio devem e podem promover a pedagogia da educação popular. (BARROSO, 2013, p.14)

O PIBID, nesse sentido, promove essa articulação, no momento em que estabelece a tríade reflexão-ação-reflexão, pois os discentes pibidianos, ao se inserirem no cotidiano escolar, irão antes de tudo observar a escola, e então aliar as discussões sobre o ensino e perceber naquele ambiente quais as suas maiores necessidades, como acontecem as relações sociais, qual o contexto em que estão inseridos, e a partir disso desenvolver um projeto que atenta a essas particularidades, sendo uma contínua reflexão, já que, durante a ação, irão pensar a respeito de como os alunos e toda a comunidade escolar está absorvendo esse trabalho, se estão obtendo os resultados esperados, o que mudou na escola após o andamento do projeto, buscando, assim, mais melhorias. Tudo isso faz com que haja um incentivo e uma valorização da pesquisa relacionada ao ensino, onde a prática

também é um momento de reflexão. Sendo assim, pesquisa e ensino caminham juntos e se complementam com o patrimônio, no sentido em que irá ser valorizado nas escolas o lugar social em que o aluno está inserido, fazendo uma leitura do mundo que o aluno conhece, ou seja, a partir da sua cidade, do seu bairro, da sua casa, inserindo esse espaço nas reflexões para se compreender a realidade histórica escolar do aluno, levando isso como uma forma de leitura e visão de mundo, assim, o patrimônio entra nesse sentido, seja material ou imaterial, mas que não parta de uma realidade distante da dos alunos.

Tudo isso contribui para uma relação mútua entre escola e universidade, professor e aluno, teoria e prática, fazendo com que diminua uma hierarquia que muitas vezes é posta, sendo assim, o PIBID se constitui, segundo Helena Maria dos Santos, professora da Universidade Federal de Alfenas, como um “terceiro espaço” de formação docente:

A constituição desse “terceiro espaço” requer a compreensão de que a construção do conhecimento sobre a docência não deve se dar nem de “fora para dentro”, como mencionado anteriormente, nem de “dentro para fora”, o que evidenciaria o não reconhecimento dos saberes acadêmicos. Muito pelo contrário, na lógica desse “terceiro espaço”, o conhecimento sobre a docência deve ser construído por intermédio da relação dialética e compartilhada desses dois espaços formativos: a universidade e a escola. (FELÍCIO, 2014, p.422)

O PIBID, nesse sentido, vem como um espaço de formação docente, que ao estar inserido nesse cotidiano, proporciona ao licenciando um encontro com diversas situações que englobam o dia-dia da profissão, ajudando na formação de uma identidade profissional, ampliando a sua capacidade de reflexão e percepção, desenvolvendo uma sensibilidade em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, vale ressaltar que o PIBID não pode ser encarado como um ponto de salvação para as escolas, mas sim como apoio e, como vimos afirmando, troca de saberes mútuos, onde, deste trabalho colaborativo temos a busca pela melhoria no processo de ensino e aprendizagem.

ESCOLA ESTADUAL DOM MOISÉS COELHO

No município de Cajazeiras, na Paraíba, há a escola Estadual Dom Moisés Coelho, espaço onde estamos trabalhando com o PIBID de História na vigência de 2018 a 2020. Após visitarmos a instituição pela primeira vez e, também, por meio de conversas com o professor supervisor, vimos a grande dificuldade que os alunos de lá apresentam, principalmente, em relação a escrita e leitura, e, conseqüentemente, na interpretação, elemento essencial não só para a História, mas também, para várias outras disciplinas. Essas dificuldades não são exclusivas apenas dos alunos desta escola específica, mas, infelizmente, é algo que está posto em várias outras instituições, principalmente, nas escolas públicas do país, algo que reflete, bastante, a educação ainda precária que temos, e que deixa explícito a desigualdade social presente.

A turma em que atuamos é de 6º ano, e lá realizamos observações das aulas para então nos familiarizarmos com os alunos e percebermos como o projeto PIBID pode ser um auxílio para esses jovens. Nesta turma específica a maioria dos alunos é repetente, e por meio de conversas com os alunos notamos a grande desproporção de idade entre uns e outros, possuem alunos tanto de 11, 12 anos, como também de 14, 15 anos, e muitos deles se encontram desmotivados para continuar os estudos, seja por que acham que não conseguem aprender, ou não veem a escola como algo atrativo, seja por acreditarem que o mercado de trabalho possa ser a melhor opção para eles, vendo, portanto, a escola como uma perda de tempo. Temos aqui uma questão bastante problemática que está presente nas escolas públicas do país.

Alguns professores do Ensino Básico muitas vezes se encontram há tanto tempo nessa realidade escolar, que acabam perdendo o ânimo e se afastando das discussões acerca do ensino. As vantagens do discente ingressante do PIBID é que, ao passo em que se está discutindo teorias e metodologias relacionadas ao ensino na graduação, se está, também, vivenciando a escola, o cotidiano dos funcionários e dos alunos; isso favorece o pensar de novas possibilidades que abarquem esse ambiente, sendo assim, um fator que aumenta a experiência e expande as percepções acerca daquele lugar.

No projeto pensado e destinado a escola Dom Moisés, nos propusemos (isto é, toda a equipe pibidiana de História) a trabalhar com os alunos a escrita, a leitura e a própria noção de História por meio de oficinas, e queremos com isso, ajuda-los a

compreender que existem diversos tipos de leitura, de visões de mundo, e que eles podem perceber a si mesmos como agentes ativos da própria história, de sua realidade, de seu constante fazer-se.

A questão da dificuldade de leitura e escrita está relacionada a um conjunto de fatores que se intercalam. Muitas vezes, a escola acaba, através de suas poucas oportunidades de escolarização, legitimando essa desigualdade social existente. Este é um problema que está englobado na própria educação brasileira, que não realiza o investimento necessário para a educação, findando, assim, conservando um “Ethos” cultural, ou seja, o capital cultural dos alunos. Porém apenas a questão financeira não responde as dificuldades dos alunos, é preciso ir mais a fundo e entender todos os mecanismos que formam a identidade do aluno, as suas preferencias, os seus costumes e valores.

Mas não é suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua das crianças desfavorecidas. Parece, com efeito, que a explicação sociológica pode esclarecer completamente as diferenças de êxito que se atribuem, mais frequentemente, às diferenças de dons. [...] Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (BOURDIEU, 1966 p.41-42)

Para haver uma melhor identificação das dificuldades e dos interesses dos alunos em relação aos estudos de História, a equipe pibidiana, junto ao professor supervisor, elaborou um questionário com doze tópicos, incluindo subtópicos, com perguntas objetivas e subjetivas, focadas nas particularidades dos alunos em relação à leitura em geral e a História, como, por exemplo: “você entende o que lê?”, “você acha que ler é importante?”, “o que você entende por História?”, entre outras, incluindo, a leitura e análise de uma tirinha em quadrinhos. Após uma revisão de todos os questionários respondidos e de discussões entre a equipe pibidiana sobre os resultados, comprovamos que os alunos, realmente, tinham uma grande dificuldade em relação a leitura, a escrita, e à História, com contradições entre as respostas, o não-entendimento do que algumas

perguntas se referiam, etc. Perante isto, pretendemos trabalhar com os alunos esses elementos básicos para a aprendizagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)
SUBPROJETO HISTÓRIA - CÂMPUS BRASÍLIA

Ano/Turma: 10-6 Mãe: 13 Gênero: () Masc. (X) Fem.

1. Livros em casa
(X) Possui. Quantidade de livros: 10 () Não Possui
() Não possui a biblioteca da escola ou municipal

2. Você gosta de ler? (X) Sim () Não () As vezes

3. Você entende o que lê? (X) Sim () Não () As vezes

4. Você procura um livro para ler
(X) Por iniciativa própria () Por indicação de alguém
() Pelo título ou nome do livro () Pela capa e figuras
() Outro jeito. Qual?

5. Você considera que o seu tempo dedicado à leitura é (X) suficiente () insuficiente

6. O que mais dificulta seu hábito de ler?
() tempo (X) lentidão na leitura () dificuldade de uso da biblioteca

7. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
() não ler nada () ler na metade (X) ler até o final () só olhar a capa e as figuras

8. O que você mais gosta de ler? Por quê?
R: *livros que são importantes na vida das pessoas*

9. Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler:
R: *história, ciência, livros de temas de*

10. Você acha que ler é importante? Por quê?
R: *sim, acho que é muito importante para a vida das pessoas*

11. Observe a tirinha abaixo e contorne o que você preferiu dela.

que ele não consegue ler a mesma coisa que os outros e começa a ler sozinho

12. Sobre a disciplina de História:
a) O que você pretende por "História"?
R: *acho que é um pouco melhor a vida*
b) Qual dos assuntos que mais lhe chamou atenção e sua atenção na disciplina?
R: *história antiga*

c) Você sente dificuldade na leitura dos conteúdos de História? () Sim (X) Não () As vezes

Parágrafo 11 da Constituição Brasileira, você: (X) Gosta muito () Gosta pouco () Gosta () Não Gosta

e) Para você, a disciplina História é importante? (X) Sim () Não
Por quê?
R: *acho que é importante e um assunto*

Figura 5 - Questionário

Em se tratando especificamente dos questionários realizados na turma em que estamos trabalhando, podemos notar diante de respostas diversas, algumas particularidades, como também respostas em comum, por exemplo, na primeira pergunta sobre os livros que eles possuem em casa, a maioria respondeu não possuir livros, e se haviam, eram poucos, ou apenas tinham acesso aos da biblioteca ou ao livro didático, isso acaba demonstrando que os mesmos ou possuem baixas condições financeiras e assim não tem condições de terem livros em casa, ou simplesmente uma falta de interesse pela leitura. E quando perguntamos sobre leitura, a maioria não compreende o seu sentido amplo, seu sentido plural, pois existe uma noção de leitura enquanto simplesmente entendimento de palavras escritas, isso pode decorrer pelo fato de ainda estarem no início do ensino Fundamental II, adquirindo experiência, ou por não terem acesso a fontes diversificadas de leitura. E com relação aos gostos de leituras, as preferências dos alunos são diversas, porém, há uma opção por coisas mais interativas, com imagens, como

histórias em quadrinhos, ou contos de aventura e fantasia. Entretanto, ao perguntarmos o que mais gostaram de ler, ou os temas dos quais mais gostam, eles responderam gostar de português e ciências, ou seja, muitos tiveram acesso apenas as leituras das disciplinas, não leram coisas além disso, não possuem o hábito de ler. Com relação à tirinha, poucos souberam interpretá-la considerando seus vários elementos. E na questão que perguntava se consideravam importante a leitura, alguns responderam que não viam importância alguma. Relacionado às perguntas sobre história, quase toda a turma ainda possui uma visão da história como uma narrativa linear e factual, como um “contar histórias”, e não como uma ciência que estuda as ações dos homens e mulheres no tempo. Grande parte dos questionários tinham muitos erros ortográficos, e não respondiam corretamente ao que se pedia nas questões, seja por falta de interpretação ou por falta de vontade de escrever.

Diante de todas essas observações na turma do 6º ano, percebemos a grande necessidade de empreender um projeto que se volte para a escrita e a leitura, sendo assim, pensamos em oficinas que trabalhem esse conceito de leitura de modo plural, para que eles compreendam que leitura não se limita apenas a texto escrito, mas a uma grande diversidade de conteúdos; que vários tipos de leitura e interpretação podem ser desenvolvidos, desde textos à uma imagem, um filme, um poema, uma música, portanto, levaremos esses diversos gêneros, trabalhando temas que tratem da diversidade, focando na disciplina de História, tentando ajudar a trazer à tona, assim, uma percepção crítica sobre aquilo que os rodeia, focando nos elementos histórico-socio-culturais de suas vivências, em seus conhecimentos, em seus interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, vimos uma discussão a respeito da relação entre teoria e prática no ensino como elementos essenciais para a prática docente, onde apontamos o PIBID como uma importante política pública que propõe um aperfeiçoamento na formação do aluno graduando a partir de um contato mais aprofundado com a escola, os

alunos, e uma equipe de colegas que se propõe a pensar atividades que venham ajudar no processo de ensino e aprendizagem da disciplina.

Falamos, também, de nossa experiência enquanto alunas de graduação que estão inseridas no projeto, e que, como salientamos, apesar de ainda não havermos concluído essa experiência, nos propomos, aqui, a discutir e pensar a respeito das dificuldades que os alunos de nossa escola possuem.

A problemática na educação brasileira é aparente, e reflete a própria desigualdade brasileira. Reconhecemos que os alunos das escolas públicas se encontram em situação de impotência diante da realidade social que estão inseridos, que muitas vezes nem ao menos sabem que estão inseridos nesse sistema desigual, e não acreditam haver saída. A sociedade brasileira precisa cada vez mais de projetos como o PIBID, que estão engajados com a melhoria da educação. Muitas vezes, a elite quer formar seres pacíficos que não questionam, que não percebem a profundidade das lacunas existentes no processo histórico-social de formação de nossa sociedade. Isso é muito preocupante, pois a tendência é que cada vez mais ocorram políticas voltadas para uma classe social específica, para uma minoria privilegiada; e não apenas os alunos das escolas públicas se inserem neste quadro, mas também, os professores do Brasil, no momento em que são excluídos e têm negligenciados direitos e garantias básicas que configuram o mínimo que merecem.

Através de atividades desenvolvidas e pensadas especialmente para o contexto social dos alunos, o PIBID pretende uma transformação, entendendo isso como um processo, lento e gradual, que traga resultados positivos na vida desses alunos, como também, na vida dos próprios docentes e futuros docentes que estão no momento de graduação, em um constante movimento de desamarra, para que nos reconheçamos enquanto parte constituinte da sociedade.

O PIBID como um trabalho em equipe, onde acontece essa reflexão antes da ação, torna assim possível acontecer uma mudança efetiva, real, que não apenas está respaldada em novas teorias e metodologias que se dizem inovadoras. Apesar de que, mesmo o PIBID fomentando esse espaço de formação de professores, mesmo buscando um incentivo para que os jovens graduandos se interessem em ingressar como professores da

educação básica, o que acontece é que, ao se depararem com a realidade das escolas e da própria profissão docente, mesmo atuando no projeto, ainda preferem ser professores do ensino superior ou se engajar na área da pesquisa, pois estando mais próximos da realidade do ensino básico no Brasil conseguem enxergar com mais clareza os problemas que perpassam o cotidiano das escolas. Sendo assim, reconhecemos a importância que os programas de iniciação a docência, como no caso do PIBID, tem para a educação brasileira, mas sabemos que somente eles não são capazes de transformar a vida da sociedade, pois esse é um processo mais profundo, que inclui muitos envolvidos, porém, entendemos políticas públicas que nem esta como um pontapé inicial para essas mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Véra Lucia M. Formação de Professores em História no Tempo Presente: Estágios de Docência e Pibid – Quais Conexões?. **Revista Latino-Americana de História**, Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial.

BOURDIEU, Pierre. A Escola Conservadora: As Desigualdades Frente à Escola e à Cultura. Publicado originalmente in **Revue française de sociologie**, Paris, 7 {3}, 1966, p. 325-347.

CARVALHO, Diana C. QUINTEIRO. A Formação do Docente e o Pibid: Dilemas e Perspectivas em Debate. **EntreVer**, Florianópolis, v. 3, n. p. i-xii, jan./jun. 2013.

FELÍCIO, Helena Maria dos S. O Pibid como “Terceiro Espaço” de Formação Inicial de Professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 415-434, maio/ago. 2014.

FORTUNA, V. A Relação Teoria e Prática na Educação em Freire. **Revista Brasileira de Ensino Superior** , v. 1, p. 64-72, 2015.

NEITZEL, Adair A. FERREIRA, V. COSTA. Os Impactos do Pibid nas Licenciaturas e na Educação Básica. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 18, n. especial, 2013, p. 98-121.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: A Aproximação da Realidade Escolar e a Prática da Reflexão**. 11^o Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PIMENTA, Selma G. LIMA. Estágio e Docência: Diferentes Concepções. **Revista Poíesis** – Volume 3, Números 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.

SIQUEIRA, Thayná de Sena. **Estágio Em Ensino de Ciências Biológicas Nos Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Um Primeiro Ensaio Para a Docência**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2014.

**A GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E SUAS PROBLEMÁTICAS
DIANTE DO SISTEMA EDUCACIONAL E, A PRÁTICA COMO
PONTE DE COMPREENSÃO E MELHORAMENTO DIDÁTICO.**

Jair Barbosa de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - I)
jairbarbosa100@hotmail.com

Jonathan Nunes Alves do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - I)
jonathanmbg1997@hotmail.com

RESUMO